

ASPECTOS FISIOPATOLÓGICOS E TERAPÊUTICOS DA EPILEPSIA NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO ATUALIZADA

Izza Mariano Soares de Lacerda¹, Kamilly Vitória Dantas Barbosa²

Centro Universitário de Patos (UNIFIP)

(izzamsl00@gmail.com)

Introdução: A epilepsia é definida como uma desordem cerebral na qual há uma predisposição para gerar crises epiléticas, sendo geradas por meio de sincronização neuronal excessiva. Representa uma das condições neurológicas mais prevalentes na infância, com implicações profundas no desenvolvimento infantil. Frequentemente associada a comorbidades como transtornos do espectro autista, ansiedade, depressão e déficits cognitivos, exige estratégias terapêuticas mais abrangentes. Os avanços no tratamento melhoram os desfechos clínicos da doença, proporcionando melhor qualidade de vida aos pacientes. **Objetivo:** Revisar os aspectos fisiopatológicos e terapêuticos da epilepsia na infância. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, utilizando os descritores “Epilepsia”, “Crianças”, AND “Tratamento”. Foram identificados 108 artigos, após a aplicação dos critérios de inclusão: artigos originais, publicados em português ou inglês, disponíveis na íntegra. Assim, foram selecionados os artigos que incluíssem a fisiopatologia e tratamento da epilepsia infantil, no recorte temporal de 2020 a 2025, totalizando 32 publicações na amostra final. **Resultados:** A epilepsia acomete aproximadamente 52 milhões de pessoas no mundo, atingindo até 1% da população pediátrica, com os picos clássicos de prevalência ocorrendo no primeiro ano de vida e entre os 5 e 9 anos. Os estudos recentes evidenciam a evolução no tratamento da epilepsia em crianças, com o uso dos antiepiléticos, fundamentais para o controle das crises, especialmente os de segunda e terceira geração, oferecendo menor risco e menos efeitos colaterais quando comparados aos de primeira geração. O tratamento medicamentoso ainda não é suficiente para todos os pacientes, principalmente aqueles com epilepsia farmacorresistente. Nesses casos, é necessária a implementação de intervenções, como a cirurgia, especialmente quando indicada precocemente, podendo reduzir as crises em até 80% das crianças. Porém, ainda existem riscos à medida cirúrgica devido à complexidade neurológica e à sensibilidade fisiológica infantil. O diagnóstico de epilepsia é baseado em anamnese e exame neurológico pediátrico; alguns exames complementares podem ser solicitados. **Considerações Finais:** O controle adequado das crises epiléticas contribui significativamente para a redução dos índices de morbimortalidade na população pediátrica, sendo imprescindível o tratamento adequado e o diagnóstico precoce da condição. Evidencia-se a necessidade de abordagens integradas, priorizando antiepiléticos de segunda e terceira geração, visando melhor controle clínico da população infantil. O manejo multidisciplinar, fundamentado em anamnese criteriosa e exames complementares, favorece a otimização dos desfechos clínicos, prevenindo complicações associadas.

Palavras-chave: Epilepsia infantil. Fisiopatologia. Tratamento.

Área Temática: Emergências Neurológicas

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS:

DE MACEDO, R. R. B. et al. **Tratamento da epilepsia em crianças: avanços na terapia medicamentosa e cirúrgica.** Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 3017-3024, 2024.

MENDES, Vanessa Helena Leite. **Proposta de protocolo assistencial para o atendimento ambulatorial da criança com epilepsia.** Orientador: Rudimar Riesgo. 2026. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Neurologia Pediátrica) – Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2026.

SILVA, Luísa Lacerda da et al. **Conduta clínica para crises de epilepsia em crianças.** Revista Foco, Curitiba, v. 16, n. 8, e2760, 2023. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n8-044>